

Edição v. 40
número 2 / 2021

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 40 (2)
mai/2021-ago/2021

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Incursões jornalísticas para paz:
reflexões sobre dialogia e escuta desde
a perspectiva de correspondentes
espanhóis

Journalistic paths to peace: reflections
on dialogue and listening from the
perspective of Spanish correspondents

ALEX ARÉVALO SALINAS

Universidad de Extremadura (UEX) – Badajoz, Extremadura, Espanha.
E-mail: alexarevalo@unex.es. ORCID: 0000-0002-0065-2119.

TAYANE AIDAR ABIB

Universidade Estadual Paulista (UNESP) – São Paulo, São Paulo, Brasil.
E-mail: tayaneaabib@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2110-6640

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

SALINAS, Alex Arévalo; ABIB, Tayane Aidar. Incursões jornalísticas para paz: reflexões sobre dialogia e escuta desde a perspectiva de correspondentes espanhóis. *Contracampo*, Niterói, v. 40, n. 2, p. XXX-YYY, maio/ago. 2021.

Submissão em: 14/12/2020. Revisor A: 22/02/2021; Revisor B: 09/05/2021. Revisor A: 31/05/2021. Revisor B: 31/05/2021. Aceite em: 31/05/2021.

DOI – <http://doi.org/10.22409/contracampo.v40i2.46946>

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre o valor da voz do Outro a narrativas orientadas para a paz, de modo a inscrever a interação jornalística como dinâmica de escuta e reconhecimento da alteridade, para além de simples técnica de captação de dados. Para isso, aprofunda o debate acerca do Jornalismo para a Paz em chave de contraposição ao modelo informativo tradicional e de um entrecruzamento do plano teórico ao campo da prática profissional, a partir de entrevistas semiabertas realizadas com oito correspondentes internacionais espanhóis sobre o assunto. Dessa investigação empírica, evidencia-se contribuições à perspectiva comunicacional dos Estudos para a Paz por uma ênfase conferida às histórias de vida e a procedimentos jornalísticos compreensivos à alteridade.

Palavras-chaves

Jornalismo para paz; Entrevista jornalística; Alteridade; Correspondentes espanhóis.

Abstract

This article aims to reflect on the value of the Other's voice for peace-oriented narratives, in order to inscribe journalistic interaction as a dynamic of listening and recognition of otherness, in addition to a simple technique of capturing dates. To this end, it deepens the debate about Peace Journalism, in opposition to the hegemonic informative model and the intersection of the theoretical plan with the field of professional practice, based on semi-open interviews with eight Spanish international correspondents on the subject. From this empirical investigation, contributions to the communicational perspective of Peace Studies are evidenced by an emphasis given to life stories and journalistic procedures that are comprehensive to otherness.

Keywords

Peace Journalism; Journalistic interview; Otherness; Spanish correspondents.

Introdução

Inscrita em plano propositivo, a reflexão que aqui se desenvolve assume também contornos de reivindicação: reconhecer o valor da intersubjetividade para a tessitura de narrativas orientadas para a Paz, em que a interação jornalística desponte como movimento dialógico ao Outro e dispositivo de escuta, para além de simples técnica de captação de dados. E em que o protagonismo noticioso seja conferido às histórias de vida de sujeitos tradicionalmente marginalizados pelo interesse público e midiático, de modo a registrar a voz do homem ordinário, e não das elites – princípio esse tão caro ao Jornalismo para a Paz (LYNCH e MCGOLDRICK, 2000).

O debate fomentado neste artigo se estabelece, assim, em chave analítica de contraposição: aprofunda a compreensão sobre os fundamentos que sustentam uma tal prática alternativa, assinalando a necessidade de ruptura para com a dinâmica jornalística hegemônica, construída historicamente na esteira da comercialização da atividade, desde o século XVIII, e partilhada entre os membros da comunidade profissional que Nelson Traquina (2005) denominou de tribo jornalística. Procede, neste sentido, com incursões teóricas por obras que discorrem sobre *newsmaking* e cultura jornalística, a fim de situar a semântica informativa na chave divergente dos Estudos para a Paz (MARTÍNEZ GUZMÁN, 2001; FISAS, 1987; SPENCER, 2005).

Entrecruza este plano teórico ao campo profissional, levantando questões pertinentes ao trabalho jornalístico em zonas de conflito junto a correspondentes espanhóis que, nas últimas três décadas, dedicaram-se à cobertura de guerras na África subsaariana. Especificamente, as entrevistas semiestruturadas tratam dessa franja do continente em razão do limitado¹ interesse da imprensa espanhola por suas realidades, a despeito da proximidade geográfica e dos confrontos bélicos e explorações internacionais diversas que permanecem atravessando tais países, mesmo com o fim do imperialismo europeu e da Guerra Fria. Os diálogos empreendidos em investigação empírica, deste modo, realizados entre os meses de setembro a dezembro de 2019, por telefone, e-mail e presencialmente, coletam as considerações tecidas por profissionais que, *in loco*, experienciam as falhas e potências do tratamento noticioso em relação ao território africano, desde suas colaborações a distintos veículos do impresso espanhol, a saber: Agus Morales (revista 5W), Alberto Rojas (diário El Mundo), Alfonso Armada (diário ABC), Felix Flores (diário La Vanguardia), Gemma Parellada (diário El País), Gervásio Sanchez (*freelancer*), Trinidad Deiros (agência EFE) e Bru Rovira (diário Ara e La Vanguardia).

Os apontamentos feitos pelos correspondentes espanhóis são organizados em função de duas categorias de análise, demarcadas como valores importantes para a discussão sobre a reformulação das práticas tradicionais em sentido a um jornalismo para a paz: o movimento empático ao Outro e a escuta jornalística, nos quais se destaca a experiência-vivência do repórter como mergulho no real para o trato narrativo. Em tom dialógico, portanto, objetiva-se aprofundar a reflexão sobre caminhos noticiosos possíveis para registros de paz, desde a mirada de jornalistas que, mobilizando os processos citados, buscam empreender coberturas alternativas em cenários de conflitos.

Incursões iniciais pela dinâmica jornalística tradicional

“Se a mídia nos fornece uma amostra representativa dos eventos do dia, por que não é comum encontrar coberturas sobre os triunfos diários das pessoas? Quem decide quais acontecimentos se tornam notícias?”, questiona Pamela Shoemaker (2006, p. 108) em estudo que discute a noticiabilidade em nível

1 Separada por apenas 14,4 quilômetros de oceano, via estreito de Gibraltar, e tendo se convertido no primeiro destino para os imigrantes africanos, em 2018, a Espanha dispõe de escassa presença jornalística no território, contando com uma única redação fixa, da agência de notícias EFE, instalada em Nairobi. As demais coberturas se realizam por *freelancers* ou repórteres espanhóis enviados ocasionalmente por seus periódicos.

hegemônico.² Trata-se de um olhar interacionista que, longe de projetar a cobertura informativa como espelho da realidade, elege inscreve-la como processo construído de acordo com critérios estabelecidos historicamente no seio da comunidade profissional.

Em que se destaca a emergência da imprensa como *mass media* (TRAQUINA, 2005), no compasso do desenvolvimento do capitalismo e de processos que incluem a industrialização, a urbanização, a educação em massa e o progresso tecnológico, o *ethos* jornalístico se firmou como respaldo a uma maneira de ser e agir apoiada na noção de fatos e de prestação de serviços ao público, integrando em seu discurso os ideais de busca da verdade, independência e imparcialidade. Desde o século XIX, o campo jornalístico atua, assim, sentido à consolidação de um sistema de valores, movido pela profissionalização da atividade e busca de um estatuto social, a integrar uma cultura para orientar a conduta de seus membros.

Como forma de também estabelecer um quadro de referências para sustentar uma rotina em meio a constrangimentos organizacionais e econômicos, impor uma ordem no espaço e no tempo, tal cultura profissional configura a notícia, matéria-prima do exercício jornalístico, enquanto resultado de um processo de produção que articula saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, isto é, as técnicas para captação, tratamento e redação dos fatos, respectivamente. Fatos esses, conforme sublinha Charaudeau (2009, p. 95), “nunca transmitidos à instância de recepção em seu estado bruto”, mas dependente do “olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível”.

Sodré (2009, p. 73) assinala essa mesma dimensão ao escrever que a realidade a que temos acesso é, em verdade, fruto de “pautas ou roteiros já fortemente codificados pela produção midiática”, definindo, por isso, a notícia como o relato de fatos marcados, ou fatos correspondente a critérios de noticiabilidade. Em outras palavras, delineada em função das escolhas efetuadas pelo sujeito emissor, que acabam por operar privilegiando os aspectos de desvio e proeminência, tal qual evidenciaram Galtung e Ruge (1965) em investigação até hoje referenciada em termos de sistematização teórica dos valores-notícia.

A informação, neste sentido, apresenta uma opacidade, através da qual se constrói uma visão particular de mundo, centrada, em grande medida, em eventos que designam rupturas na ordem habitual e fazem referência a figuras de poder. Considerando que toda escolha se caracteriza por aquilo que retém e por aquilo que despreza, a reflexão que problematiza o exercício jornalístico enquanto processo produtivo, ao identificar o que ganha evidência na cobertura informativa, deve também se perguntar pelos fatos deixados à sombra. “O que se passa a cada dia, o cotidiano, o comum, o ordinário, o ruído de fundo, onde está?”, indaga o romancista Georges Perec (2010, p. 178), recordando-nos de uma constatação que também aparece no pensamento de Galtung e Ruge (1965, p. 67): “em um sistema de comunicação centralizado na elite, as pessoas comuns nem sequer tem a chance de se representar”.³

As notícias, em linha de produção de conglomerados midiáticos, e sob a lógica econômica que rege os tradicionais grupos empresariais, acabam sendo moldadas “por um número relativamente pequeno de pessoas no governo e em comunidades de interesse, por meio de lobby, relações públicas e publicidade” (SHOEMAKER, 2006, p. 108).⁴ Suas fontes de informação costumam advir de fornecedores externos tais quais discursos, entrevistas, relatórios corporativos e audiências estatais. Trata-se de tendência também identificada por Sigal, em 1973, ao se debruçar sobre a rotina de trabalho nos jornais *New York Times* e *Washington Post* e listar os seus três principais canais de informação: pronunciamentos oficiais, *releases* de assessoria de imprensa e coletivas de imprensa.

2 No original: “If the news media give us a representative sample of the day’s events, why aren’t ordinary people’s daily triumphs covered? Who decides which events become news?”.

3 No original: “in an elite centered news communication system ordinary people are not even given the chance of representing themselves”.

4 No original: “News is more likely to be shaped by a relatively small number of people in government and interest groups through lobbying, public relations, and advertising”.

De acordo com Shoemaker e Reese (1996, p. 125), a estreita conexão do jornalismo com o Estado e as fontes oficiais acompanha o processo de profissionalização e busca de legitimidade social da atividade, que desde então também convive com representações que pairam sobre o grupo e revestem sua identidade – porta-voz da opinião pública, cão de guarda dos poderes instituídos, Quarto Poder, entre outros. O governo, deste modo, além de se inscrever como autoridade para a validação informativa e social que a imprensa necessita, fornece um fluxo de dados que é conveniente e regular para a eficiência do trabalho jornalístico, inclusive por estar a par das dinâmicas dos meios e adaptar seus materiais às suas coberturas.

Aspectos como a popularidade e notoriedade dos sujeitos envolvidos também exercem sua influência. Figuras que são consideradas *experts* em suas áreas de conhecimento, identificadas por seus títulos profissionais ou escolares, são tradicionalmente acionadas como vozes de prestígio para conferir precisão e credibilidade ao conteúdo reportado. A titulação, afinal, conforme explica Bourdieu (1989, p. 148), “é uma espécie de regra jurídica de percepção social, é um capital simbólico institucionalizado (...) que funciona à maneira de um grande nome, conferindo todas as espécies de ganhos simbólicos”.

À margem desse poder que se constrói pela visibilidade, o homem ordinário, do qual diz Certeau (1994, p. 101), movimenta-se como produtor desconhecido, em trajetórias “aparentemente desprovidas de sentido, porque não coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado” no qual está inserido. Também em termos de protagonismo midiático. A cotidianidade e o anonimato operam em código de contraposição aos convencionais critérios de desvio e proeminência social e, neste sentido, não interessam à marcação dos grandes meios. Mesmo aos campos da Filosofia (ESQUIROL, 2006), das Ciências Sociais (MAFFESOLI, 1984) e da História (CERTEAU, 1994), a vida cotidiana não se constitui com destaque no exercício reflexivo.

No entanto, sublinha Maffesoli (1984, p. 17), “a verdadeira mola propulsora de tudo que é”, ou a “alma do mundo”, reside justamente nesses bastidores da existência, onde “os fragmentos, as situações minúsculas, as banalidades constituem o essencial da vida”. Um território, para também ecoar o pensamento filosófico de Esquirol (2006), em que, por trás da repetição e da rigorosa regularidade, cada qual se apropria a seu modo da realidade, imprime seus traços singulares ao ritmo dos dias e fortalece a sua vitalidade íntima.

Também ao jornalismo, defendemos, o vivido não pode ser visto como sintoma de outra coisa, mas deve bastar por si mesmo, como pauta noticiosa que abriga essa espécie de poética das pequenas coisas, a integrar diminutos e contextos: nas gestualidades que se repetem, nos comportamentos e miudezas da rotina, nos detalhes das cenas, o cotidiano pode manifestar, para além de recorrências da realidade, os processos de criação e recriação de sentidos do sujeito ante às intempéries do existir. Enquanto valor de uma estratégia de narração em vias de divergência, é recurso que convida a mirada jornalística a apreender as nuances de resistência que se ensaiam na esteira do comum, de circunstâncias densas e abissais.

Se os pequenos fatos da vida cotidiana, na visão dos teóricos supracitados, não podem ser esquecidos pela investigação sociológica, uma vez que atravessam os fundamentos da trama coletiva, tampouco podem ser negligenciados por uma dinâmica jornalística que se deseja dialógica em seus processos de captação e tratamento da informação, assim orientada à justiça social. O Jornalismo para a Paz busca, como pontuam Lynch e McGoldrick (2000, p. 5), “estabelecer uma nova rota de conexões entre jornalistas, suas fontes, as histórias que cobrem e as consequências de sua prática – a ética da intervenção jornalística”.⁵

5 No original: “*The Peace Journalism approach provides a new road map tracing the connections between journalists, their sources, the stories they cover and the consequences of their reporting – the ethics of journalistic intervention*”.

Possibilidades de contraposição a partir do Jornalismo para a Paz

Ao refletir sobre o papel da Europa no cenário de conflitos do final do século XX, Ryszard Kapuściński (ROVIRA, 2002), repórter polaco que se especializou na cobertura de guerras, sobretudo no continente africano, dos anos 1960 a 2000, assinalou que a opção militar parecia se impor ao caminho de identificar soluções coletivas frente ao imparável desenvolvimento do planeta. Tal predomínio se fazia notar, segundo ele, pela própria linguagem assumida pelos meios de comunicação:

De repente aparecem palavras como lutar, liquidar, inimigo, matar, esmagar. É a linguagem da agressão e da arrogância. Ela aparece na mídia e nos discursos políticos, nas discussões públicas e privadas. E assim se prepara o ambiente, se aquece a atmosfera para quando começam os tiros (ROVIRA, 2002, p. 26).

De fato, a dimensão da violência permeia os discursos e o tratamento informativo em nível hegemônico. Galtung e Hauge (1965) já assinalavam a negatividade como um dos fatores que permitem entender por quê um fato passa a formar parte da cobertura internacional. Em estudo outrora referenciado neste artigo, os investigadores chegaram a duas conclusões pertinentes a esses nossos apontamentos: os atos de violência se convertem em acontecimentos noticiáveis em si mesmos – e isso se atrela ao critério de desvio –, e quanto menor o *ranking* de uma nação, mais negativas serão as notícias sobre a mesma – no compasso do valor-notícia da proeminência dos atores sociais em questão.

Este *frame* de conflito que enfatiza o enfrentamento entre indivíduos, grupos ou instituições, ademais de ser uma característica do sensacionalismo crescente que afeta a linguagem jornalística, reforça a visão de que essa é a única via para estabelecer a paz. O conflito em si mesmo, em razão do tom desses discursos, tende a ser considerado desde uma perspectiva negativa, já que abordado como sinônimo de confronto e violência, quando, na verdade, poderia ser assumido como “motor de transformação social” (FISAS, 1987, p. 176) e “elemento criativo essencial nas relações humanas” (FISAS, 1987, p. 221).⁶

Isso porque, segundo Fisas (1987, p. 173), um conflito indica a existência de uma incompatibilidade de interesses, “uma situação em que um ator (pessoa, comunidade, Estado) está em oposição consciente a outro ator (da mesma categoria ou não)”, e reclama uma resolução para a satisfação das partes implicadas, que deveria contemplar um reexame das demandas envolvidas. É, no entanto, a força militar que se impõe como medida estratégica de ação, devido tanto à incapacidade dos agentes em desenvolver planos a longo prazo, visando resultados positivos e permanentes, quanto às estruturas desiguais de poder, que tampouco aceitam rediscutir suas posições.

Os grandes meios de comunicação, geralmente alinhados sob um espectro ideológico conservador, tendem a reforçar os discursos oficiais sobre as táticas de enfrentamento e, com isso, pouco avançam em âmbito de denúncia das injustiças e de abordagem a ações alternativas para a transformação social. O trato informativo acaba por direcionar seus apelos ao drama, ao crime e ao horror, quando poderiam trabalhar em fomento da paz, tal qual defende Giró (2020, p. 195), “aproximando-se de soluções justas para que o sofrimento das pessoas seja cada vez menor”.⁷

O mais importante, acredito, é partir da ideia de que o que fazemos como jornalistas influencia, em alguma medida, nos conflitos que reportamos. E não de uma forma abstrata, mas, precisamente, nas pessoas que estão nesses conflitos. Esse é o ponto chave para se pensar: escrever, reportar, trabalhar como jornalista pensando nos efeitos daquilo que você produz. Essa é uma ruptura fundamental com uma posição

6 No original: “*La teoría clàssica dels conflictes parteix del convenciment que: els conflictes són necessaris; són el motor del canvi social*” e “*el conflicte com un element creatiu essencial en les relacions humanes*”.

7 No original: “*La apelación al sensacionalismo causa o bien indiferencia ante el dolor ajeno o bien un impulso irracional de ayudar con lo que sea y de modo urgente*”.

mais enraizada na cultura profissional jornalística que é pensar “eu informo, e o que as pessoas fazem com a informação é assunto delas”. Isso não funciona assim. As pessoas fazem com a informação aquilo que você permite que façam (...) o que você produz tem possibilidades de influenciar, em diversos sentidos, a vida das outras pessoas (GIRÓ, 2020, p. 195).

Essa é a mudança de perspectiva que propõe o campo de estudos da Comunicação para uma Cultura de Paz, em seu horizonte específico da prática jornalística: que as informações midiáticas que tratam de realidades conflitivas rompam com uma cobertura de “apenas promover uma pseudopaz de emoções” (GUZMÁN, 2001, p. 29) e assumam a responsabilidade de atentar-se para que a repercussão dos conflitos favoreça a paz.⁸ Em outras palavras, que trabalhem estrategicamente os conteúdos veiculados para que esses também se insiram em um marco mais global de transformação de mundo.

Quando Galtung iniciou suas reflexões no âmbito dos Estudos para a Paz, nos anos 1960, sob a mirada epistemológica das Ciências Sociais Aplicadas, elegeu basear esta perspectiva na “convicção de que o mundo é mutável, maleável, pelo menos até certo ponto” (GALTUNG, 1996, p. 10).⁹ Revisou as investigações polemológicas que até então centralizavam os trabalhos na área e aprofundou seu alcance teórico ao tratar dos conceitos de violência estrutural e cultural¹⁰ – que muito convergem ao desenvolvimento de uma vertente comunicacional dos estudos.

Pela noção de violência estrutural, “a que está edificada dentro da estrutura, e se manifesta como um poder desigual, como oportunidades de vidas distintas” (GALTUNG, 1996, p. 37), o intelectual norueguês estabeleceu uma espécie de categoria, que também pode ser incorporada nas abordagens jornalísticas, para enfrentar as disparidades sociais e tratar das novas formas de imperialismo e colonialismo, bem como conceber a paz enquanto questão de justiça e distribuição equitativa de recursos, para além de controle e diminuição de ataques físicos.¹¹ Com a reflexão sobre violência simbólica, Galtung (1996, p. 8) integrou a dimensão cultural como forma legitimadora dos outros tipos de violência, “sedimentada no coletivo subconsciente e nas suposições que definem, para uma dada civilização, o que é normal e natural”.¹²

Desde aí, a resolução de conflitos converteu-se em dinâmica muito mais exigente que mudanças pontuais, porque passou a apontar para a necessidade de fundamentar novas maneiras de cultivar o convívio humano. Implicando também o âmbito das práticas jornalísticas. O problema tornou-se, conforme explica Guzmán (2001, p. 68), da esfera da responsabilidade que tomamos em nosso plano de atuação, como “construtores de determinadas relações sociais e não outras”.

Frente à objetividade, intersubjetividade e interpelação mútua; substituir a perspectiva do observador distante que adquire conhecimento, pela do participante em processos de reconstrução de maneiras de viver em paz; o conhecimento deixa de ser uma relação entre sujeito e objeto para se converter em uma relação entre sujeitos (GUZMÁN, 2001, p. 114).¹³

8 No original: “Las informaciones mediáticas que construyen las realidades conflictivas que ahora mismo vivimos en el mundo, como si fueran reality shows que rehúyen la responsabilidad de dar y exigir razones para la paz, y tan sólo promueven una pseudopaz de emociones”.

9 No original: “Peace studies, like any other applied science, is based on the conviction that the world is changeable, malleable, at least up to a certain point”.

10 No original: “Semblava natural, doncs, que l'estudi de les causes i dinàmiques de les guerres fos suficient per construir una ciència de pau”.

11 No original: “La violencia está edificada dentro de la estructura, y se manifiesta como un poder desigual y, consiguientemente, como oportunidades de vida distintas”.

12 No original: “The focus in culture theory is not on the visible and audible, on the artefacts, but on the deep culture sedimented in the collective subconscious, in the assumptions that define, for a given civilization, what is normal and natural”.

13 No original: “Los principales ejes sobre los que da vueltas el giro epistemológico que propongo, podrían ser los siguientes: Frente a la objetividad, intersubjetividad e interpelación mutua; sustituir la perspectiva

Considerando tais horizontes teóricos, o Jornalismo para a Paz assume a premissa de que não existe dicotomia entre fatos e valores, e de que o compromisso com a justiça social deve ser o centro da pauta informativa e de um exercício profissional divergente das tradicionais abordagens, reducionistas e violentas. Jake Lynch e Annabel McGoldrick (2000), em obra referencial para esse campo de estudos, sustentam que a reconfiguração do tratamento narrativo sobre conflitos deve envolver a adoção de quatro condutas principais: superar as concepções dualísticas de ‘nós’ contra ‘eles’, dar voz a todas as partes implicadas, tratar os efeitos invisíveis da violência, em suas dimensões estruturais e culturais, e dedicar cobertura aos processos de reconstrução e reconciliação como alternativas a realidades de guerra.

Especificamente neste artigo, avança-se com as discussões sobre esses valores de atuação a partir das entrevistadas realizadas com oito correspondentes internacionais, contatados em escopo de um projeto mais amplo sobre jornalismo espanhol e cobertura de conflitos.¹⁴ A fim de organizar o debate, apresentaremos os resultados da investigação empírica em função de duas categorias de análise, alinhadas às proposições de Lynch e McGoldrick (2000) e, assim, demarcadas enquanto dinâmicas necessárias para a reformulação das práticas tradicionais em busca de um Jornalismo para a Paz: movimento empático ao Outro e escuta jornalística.

No terreno: condutas jornalísticas orientadas para a paz segundo correspondentes espanhóis

Com vistas a atrelar abordagem teórica e campo profissional, lançamos a discussão aqui fundamentada a oito jornalistas espanhóis, com experiência em informação sobre conflitos na África subsaariana das últimas três décadas, através de entrevistas semiabertas desenvolvidas entre setembro e dezembro de 2019. Das considerações por eles tecidas, identificamos uma ênfase conferida a exercícios profissionais que reconhecem o valor das histórias de vida e da interação entre repórter e fonte como fenômeno dialógico, para além de simples técnica.

Estabelecemos, neste sentido, duas chaves analíticas, que de fato se apresentam como procedimentos jornalísticos, para desenvolver com mais profundidade o pensamento dos entrevistados e a reflexão sobre semânticas produtivas orientadas à paz. Tais dispositivos, é importante ressaltar, atuam de forma conjunta e interdependente, e são acionados por um *ethos* resistente ao modelo informativo hegemônico – como movimentos que se atravessam em vias de intersubjetividade. O gesto de voltar-se para o Outro (BUBER, 1979; GADAMER, 2002) e de escutá-lo (ESQUIROL, 2009) sublinha-se, assim, por entrecruzamento de revisão teórica e análise interpretativa dos diálogos realizados.

Movimento empático ao Outro e escuta jornalística

Relatos jornalísticos que se ensejam sensíveis, orientados à justiça social em território de conflitos, provocam por primeiro os tradicionais critérios que configuram a prática noticiosa, conforme assinalamos anteriormente. Em ordem de privilegiar a consulta a fontes de poder e de especialistas, que acabam por colocar à margem da narrativa a trama cotidiana das pessoas comuns, o desafio do Jornalismo para a Paz é superar as abordagens dualísticas, reportando as demandas das partes envolvidas e os efeitos dos confrontos também em termos menos visíveis.

Contar uma história a partir da vida ordinária, comenta Alfonso Armada (Entrevista pessoal nº3. Setembro de 2019) – presidente da seção espanhola *Reporteros sin Fronteras* e correspondente

del observador distante que adquiere conocimiento, por la del participante en procesos de reconstrucción de maneras de vivir en paz; el conocimiento deja de ser una relación entre sujeto y objeto para convertirse en una relación entre sujetos, entre personas que pueden decir la suya, tienen derecho a la interlocución”.

14 Desenvolvido com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

internacional para a África, nos anos 1990, do diário ABC –, ou “a partir do testemunho de pessoas concretas, em que se pode conhecer seu dia-a-dia e sua forma de pensar, torna mais fácil compreender os acontecimentos, porque os explica não só racionalmente, mas também emocionalmente”.¹⁵ É um valioso recurso narrativo, inclusive, para tratar de problemáticas mais amplas, explorando os contextos socioculturais que permeiam os conflitos, tal qual indica Agus Morales (Entrevista pessoal nº8. Setembro de 2019), editor-chefe da revista de crônicas 5W, com experiência como correspondente na África pela agência de notícias EFE e pela organização Médicos sin Fronteras: “o lema ‘pequenas histórias, grandes explicações’ é vital ao jornalismo; quer dizer, ter em conta as coisas pequenas, porque a reportagem também é feita disso, mas logo conectá-las com realidades em âmbito macro que, às vezes, são distantes do leitor”.¹⁶

Para conferir protagonismo humano aos registros, no entanto, demanda-se do repórter o ato presencial ou a experiência-vivência (MEDINA, 2016) junto aos personagens e cenários narrados: um movimento de imersão e partilha com o real, por assim dizer, na busca por compreender a condição humana em sua relação com o mundo. Processualidade essa que alude, em certo sentido, ao exercício etnográfico que empreende um trabalho de campo “quase obsessivo”, nas palavras de Geertz (2008, p. 15, grifo nosso) - não interessado em apenas pensar “realista e concretamente *sobre* os outros e sua realidade”, mas, principalmente, “criativa e imaginativamente *com* eles”.

Aqui se afirma o valor dos sentidos mobilizados em plano de interpessoalidade. O tato é nosso autêntico ponto de encontro com o Outro, o paladar nos imprime memórias, e o olfato nos permite revestir com mais nuances as cenas que vivemos – integrados, todos esses recursos nos levam a experiências mais ricas em sutilezas e detalhes. Uma prática jornalística que se pretenda dialógica, então, necessita deixar de compor a realidade em função apenas do que se ouve e do que se vê, e implicar-se nos cenários para dar conta de sua complexidade.

Nas palavras do repórter Bru Rovira, enviado especial dos jornais La Vanguardia e Ara para a África subsaariana nos anos 1990 e 2000, trata-se de assumir a cercania como valor noticioso. Aproximar-se da vida do Outro para romper com visões frias e reducionistas que costumam conduzir nosso contato com o que nos é estranho, para assim revestir com nuances e traços humanos os relatos:

Veja os imigrantes que chegam na Espanha pelo Mediterrâneo, que morrem tentando atravessá-lo. Para a Europa, são como fantasmas. Porque não se acercam deles, não sabem que têm um nome, um sobrenome, uma mãe, não sabem que choram, que fazem aniversário. Que não são como fantasmas, como se não sentissem frio, como se a chuva não os castigasse, ou como se fossem entidades, seres vindo de outro planeta, desprovidos de sentimentos e que podem dormir nas ruas, ou o que seja. Você não poderia, mas eles sim. E podem sobreviver com apenas um pão na semana. Então é uma visão fantasmagórica. Mas se você se aproxima deles, como eu já tive a oportunidade de fazer, se encontra com o que seria você sob aquelas condições (ROVIRA, 2019).¹⁷

15 “Cuando cuentas una historia a partir de la vida, o a partir de los testimonios de personas concretas, que puedas reconocer su vida y su forma de pensar, y su día a día, pues este acto torna más fácil de entender las historias, porque las explica no solo racionalmente, sino emocionalmente”.

16 No original: “El lema ‘pequeñas historias, grandes explicaciones’ yo creo que es vital en el periodismo. Tener las cosas pequeñas, que son fundamentales, porque el periodismo es hecho de pequeñas cosas, y luego también de una explicación más amplia, que consiga contar una realidad a veces alejada al lector”.

17 No original: “Mira a los inmigrantes, por ejemplo, a los que vienen por el Mediterráneo, que mueren intentando lo atravesar. Para la gente de Europa son como fantasmas. Porque no se acercan a ellos, no saben que tienen un nombre, un apellido, una madre, que lloran, que hacen cumpleaños. No, son como fantasmas, que incluso no tienen frío, la lluvia no les castiga, son como entidades, entonces pueden dormir

Neste sentido, a experiência-vivência do repórter é dinâmica que pode ainda desencadear vinculações junto ao leitor, tal qual destaca Armada (Entrevista pessoal nº3. Setembro de 2019): “em um primeiro plano, há o jornalista que se faz presente para conhecer, descobrir e compartilhar aspectos do mundo que, muitas vezes, lhe são distantes, e logo está o leitor, que lê e aprende algo novo por essa experiência”.¹⁸ A escolha de acercar-se, por isso, é também a escolha de realizar um movimento empático ao Outro, isto é, assumi-lo em relação como Tu, e não como Isso (BUBER, 1979).

Há uma maturidade afetiva, no entanto, reivindicada por uma tal postura quando o assunto é a disposição à alteridade. “Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações”, escreve Bosi (2004, p. 61), de uma tal maneira que reconhecer o Outro em convívio do comum é lidar, antes, com as limitações de nossas capacidades compreensivas. Esse Outro, afinal, apesar de constituir-se de igual natureza, nos é desconhecido, não está sob nosso controle, mas além de nosso alcance - cognitivo e afetivo.

Silverstone (2005, p. 249) nos coloca o Outro como essa grande questão, inclusive para o campo jornalístico, justamente porque “tudo o que fazemos, tudo o que somos, como sujeitos e atores no mundo social, dependem de nossa relação com os outros, de como os vemos e de como os conhecemos”. O Outro nos leva a perceber que não estamos sozinhos, e é a partir de sua presença que a nossa identidade toma forma. Maffesoli (2007, p. 127) indica que a nossa subjetividade mesmo só se objetiva na relação com “o que está em face”: “só somos alguém ou alguma coisa porque o outro nos reconhece como tal”.

Podemos assumir o Outro como Isso, conforme Buber (1979), e assim projetá-lo em experiência objetivante, de utilização, tornando-o uma espécie de meio para alcançar os nossos fins, ou podemos concebê-lo como Tu, reconhecendo-o enquanto indivíduo e parceiro, em perspectiva de confirmação mútua. Em práticas jornalísticas orientadas para a paz, importa, como sublinha Trinidad Deiros (Entrevista pessoal nº 7. Setembro de 2019), correspondente para a África do Norte à agência de notícias EFE, “resistir à ideia do ‘outro’ como construção cultural, como alguém inferior e, portanto, sem legitimidade”.¹⁹

Estar consciente, deste modo, assim concebe Gervasio Sánchez (Entrevista pessoal nº 2. Setembro de 2019), repórter *freelancer* especializado em cobertura de conflitos na África desde 1990, que o jornalismo é fenômeno relacional, e que “tratar o personagem como ser humano, respeitando a sua dignidade, mesmo quando estamos em situações abissais”, é o princípio fundante que se espera da profissão, sobretudo em contextos de guerra.²⁰

“Colocar por primeiro a vida do Outro e ponderar sobre as consequências da informação sobre o seu cotidiano”, afirma Felix Flores (Entrevista pessoal nº 5. Setembro de 2019), repórter internacional do La Vanguardia, considerando a importância da honestidade e da confiança na interação.²¹ Que as fontes percebam, acrescenta Alberto Rojas (Entrevista pessoal nº 6. Setembro de 2019), enviado para a África do jornal El Mundo, “que o repórter não quer fazer mau uso das histórias, e de que o propósito é fomentar a empatia nos leitores, para que compreendam o que estão enfrentando”.²²

a la calle o donde sea. Tú no podrías dormir, pero ellos sí, y pueden comer solo un bocadillo a la semana. Tienen una visión fantasmagórica. Pero si tú te acercas a ellos, como he hecho yo, te encuentras con lo que sería tú en aquellas condiciones”.

18 No original: “*El periodista que va, que escucha, que cuenta, alguien que comparte aspectos del mundo, y después está el lector, que lee y aprende algo nuevo de esta experiencia*”.

19 No original: “*La postura es precisamente la de tratar de olvidar la idea del ‘otro’ como una construcción cultural, como inferior y sin legitimidad*”.

20 No original: “*Tratar los personajes como seres humanos, reconociendo su dignidad, mismo cuando estamos al borde de la crisis total*”.

21 No original: “*Poner por delante las personas y pensar sobre las consecuencias de la información en su cotidiano*”.

22 No original: “*Un reportero quiere que ellos perciban no van hacer nada malo con lo que cuentan, que lo que pretendemos es que la gente sienta empatía con ellos, que comprendan lo que están pasando*”.

A Filosofia para a Paz, conforme Guzmán (2001, p. 125), não nos deixa esquecer da intersubjetividade originária que nos liga uns aos outros, e cuja condição de existência é justamente a transparência: “estamos tão ligados pelo que fazemos e dizemos que quando os outros captam a força com que fazemos, dizemos ou silenciemos algo, estão legitimadas a nos pedir contas pelos compromissos e responsabilidades que assumimos”.²³ O profissional que se dedica a reportar conflitos, por isso, deve ter como principal função, para Rovira (2019), empreender essa mirada ativa ao Outro: “o jornalismo tem como obrigação ir, ouvir e contar (...) e nos fazer perceber que não vivemos sozinhos, estamos em um mundo global e nossa vida precisa mudar em benefício do Outro, de todos”.²⁴

A escuta é, neste sentido, o dispositivo que se associa ao movimento empático ao Outro para a tessitura de narrativas dialogais e orientadas à paz. Ouvir e ouvir bem, escreve Esquirol (2006, p. 95), em assertiva que bem se estende ao jornalismo, “é uma das habilidades mais preciosas: nada e nem ninguém ouve quem está tão apegado de si que só se ocupa de suas opiniões e interesses particulares”. Nossa dificuldade de dialogar, segundo Gadamer (2002, p. 251), reside justamente neste aspecto de não conseguirmos nos dispor a escutar o Outro. Fazemos “ouvidos de mercador”, o autor escreve, porque constantemente estamos ouvindo apenas a nós mesmos – com “ouvidos tão cheios de si mesmo, buscando nossos impulsos e interesses”.

O procedimento que estamos a enfatizar aqui, portanto, demanda uma abertura íntima, um desapego com respeito a si mesmo, para suspender as formulações prévias de mundo e tornar o pensamento mais sintonizado com a voz do Outro. Que o jornalista abdique do papel de opinador, defende Armada (Entrevista pessoal nº4. Setembro de 2019), “de gente que está falando constantemente, para ser experto em ouvir, em prestar atenção”.²⁵ Descentrar-se de si mesmo, assim, em uma atitude compreensiva perante os fatos e sujeitos, a história e a sociedade, a fim de enriquecer de matizes os registros e, com isso, contribuir para que “nos conheçamos mais uns aos outros e conheçamos realidades diferentes, que de outro modo podem parecer distantes, mas que em verdade não o são”, assim ecoando as palavras de Gemma Parellada, correspondente catalã *freelancer* que contribui ao diário *El País* e vive na Costa do Marfim desde 2007 (Entrevista pessoal nº3. Novembro de 2019).²⁶

Estar exposto, por fim, para ser descoberto e para descobrir, para ser com a alteridade e fazer do texto jornalístico tessituras do comum – predicado que não é marcado, mas se configura tal qual os movimentos do repórter em campo, na busca por harmonizar os sentidos de nossas diferenças. É essa mesmo, afinal, a acepção de Comunicação que defende Sodré (2014, p.208), ao resgatar à noção de *communicatio*, e que aqui recordamos precisamente pela proximidade epistemológica para com articulações teóricas desenvolvidas: a ação de, constantemente, instaurar o comum como vinculação, como um nada constitutivo, “pois o vínculo é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem”, e a figura do sujeito que se comunica, portanto, é sempre a de um ser ‘entre’, em relação, isto é, uma interioridade que se destina a uma exterioridade, que busca o Outro.

23 No original: “*Estamos tan ligados unos a otros por lo que nos hacemos y decimos que cuando las otras y los otros captan la fuerza con que hacemos, decimos o callamos algo, están legitimados a pedirnos cuentas por los compromisos y responsabilidades que asumimos*”.

24 No original: “*El periodismo tiene como obligación ir, escuchar y contar. No vivimos solos, estamos en un mundo global y nuestra vida debe cambiar para ayudar las personas*”.

25 No original: “*Los periodistas nos hemos convertido en gran medida en gente que está hablando constantemente, cuando tenemos que ser sobre todo expertos en escuchar, en prestar atención*”.

26 No original: “*Eso es la base de todo, yo creo que es el objetivo principal del periodismo. Que la gente se entienda mejor, que nos conozcamos más unos con los otros, que conozcamos realidades diferentes, que pueden parecer distantes, pero de hecho no lo son*”.

Considerações finais

Desenvolvemos o presente estudo, sob tom propositivo e de análise teórica-interpretativa, com o objetivo de aprofundar a reflexão sobre Jornalismo para a Paz e as contribuições que o campo enseja à prática profissional, considerando o valor de dinâmicas narrativas de contorno mais dialógico e compreensivo às coberturas de conflitos, especificamente do movimento empático ao Outro e da escuta sensível de suas histórias de vida.

Procedemos, em uma primeira etapa investigativa, com uma revisão bibliográfica acerca do *newsmaking* tradicional que, historicamente e na esteira da expansão comercial da atividade, privilegiou uma lógica produtiva interessada na dimensão do desvio e da proeminência social dos fatos reportados, com isso relegando a um segundo plano aspectos que versam sobre a cotidianidade e o homem ordinário, em suas apropriações de resistência íntima e social. Assinalamos, em chave de contraposição a uma tal processualidade, a Comunicação para uma Cultura de Paz enquanto perspectiva justamente atenta à esfera da responsabilidade que atravessa nossas escolhas, e assim comprometida com a promoção da justiça por um exercício informativo que abrange muito além da transmissão de acontecimentos de violência direta. Aludindo às ponderações de Galtung (1996) sobre as problemáticas estruturais e culturais que também compõem os conflitos, situamos o trabalho jornalístico para a paz, assim, nesse âmbito de complexidade a interligar os microrrelatos e seus contextos.

Por investigação empírica, buscamos aproximações entre as condutas narrativas destacadas na obra de Lynch e McGoldrick (2000), que estabelece as características de um modelo profissional alternativo, e as dinâmicas mobilizadas por correspondentes espanhóis com experiência em reportagens de guerra, especificamente no território da África subsaariana, em período temporal que abarca os últimos trinta anos. Entrevistamos, para tanto, oito jornalistas com atuação em veículos de comunicação diversos – impresso tradicional, digital independente, agência de notícias e *freelancer* –, via e-mail, telefone e contato presencial, de modo a levantar, desde suas percepções e trajetórias, as potencialidades das práticas jornalísticas em cenários de crise humanitária. De suas ponderações, evidenciamos um destaque conferido à alteridade como movimento basilar para tessituras de paz, a partir das atitudes de voltar-se para o Outro e escutá-lo.

Inscritos como categorias de análise em nosso artigo, esses dois procedimentos nos ajudaram a situar um horizonte informativo de tom mais intersubjetivo, que reconhece o valor da vivência do repórter junto aos cotidianos registrados e sua abertura sensível às singularidades do comum. Esse interesse pelo fator humano no plano narrativo, é importante que se ressalte, não deve ser aqui confundido como um imperativo de humanização, termo por vezes desgastado ao se associar com apelos compassivos de relato do sofrimento e da vulnerabilidade do Outro, mas enquanto caminho para compreender a realidade em suas nuances de abismo, pela experiência mesmo dos sujeitos implicados. Desde aí, por fim, a centralidade que atribuímos à cotidianidade como critério noticioso, no jornalismo e em coberturas orientadas para a paz: o espaço-tempo por excelência da construção de sentidos, de cada indivíduo em suas permanências e pontos de virada, e do repórter em sua relação com os diminutos da vida e suas camadas múltiplas de contexto – no esforço contínuo por tecer registros da condição humana.

Referências

- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. 2 ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.
- ESQUIROL, Josep María. **El respeto o la mirada atenta**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.
- ESQUIROL, Josep María. **El respirar de los días**. Barcelona: Paidós, 2009.
- FISAS, Vicenç. **Introducció a l'estudi de la pau i dels conflictes**. Barcelona: RBA, 1987.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II: complementos e índice**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GALTUNG, Johan. **Peace by peaceful means: peace and conflict, development and civilization**. Oslo: PRIO, 1996.
- GALTUNG, Johan; HUGE, Mari. The Structure of Foreign News. **Journal of Peace Research**, v. 2, n. 1, p. 64-91, 1965.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIRÓ, Xavier. A responsabilidade política do jornalismo em cobertura de conflitos. Revista **Compólitica**, v. 10, n. 2, p. 193-204, 2020.
- GUZMÁN, Vicent. **Filosofía para hacer las pazes**. Barcelona: Icaria, 2001.
- LYNCH, Jake; MCGOLDRICK, Annabel. **Peace Journalism – What is it? How to do it?**, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/2kCWtdY>>. Acesso em 16 junho 2021
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2007.
- MEDINA, Cremilda. **Atto presencial: mistério e transformação**. São Paulo: Casa da Serra, 2016.
- PEREC, Georges. Aproximações do quê?. **Alea**, v. 12, n. 1, p. 178-180, 2010.
- ROVIRA, Bru. Entrevista pessoal nº1. **Entrevista pessoal**, 02, out. 2019. 1 arquivo.mp3 (90 min). Acesso em: 14 junho 2021.
- ROVIRA, Bru. Europa debe escoger entre tener una posición importante o convertirse en museo. **La Vanguardia**, Barcelona, 20 dez. 2002.
- SHOEMAKER, Pamela. News and newsworthiness: a commentary. **Communications**, v. 31, p. 105-111, 2006.
- SHOEMAKER, Pamela; REESE, Stephen. **Mediating the Message: theories of influences on mass media content**. Nova York: Longman Publishers, 1996.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?**. São Paulo: Loyola, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SPENCER, Graham. **The media and Peace**. Basingstoke/New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística**. v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

Alex Arévalo Salinas é pesquisador e professor da Universidad de Extremadura. Pesquisador do grupo CONECTAR. Doutor e mestre em Estudos sobre paz, conflito e desenvolvimento internacional pela Universitat Jaume I de Castellón. Jornalista da Universidad de Playa Ancha. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; desenvolvimento da discussão teórica; interpretação dos dados; apoio na revisão de texto e revisão da versão em língua estrangeira.

Tayane Aidar Abib é doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (UNESP). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa; realização das entrevistas; desenvolvimento da discussão teórica; redação do manuscrito e revisão da versão em língua estrangeira.